

Racismo pra quê?

As estratégias dos discursos racistas nas redes



REALIZAÇÃO



O Aláfia Lab é um laboratório de pesquisa que se concentra nas áreas que entrelaçam transformação digital e transformação social. Seus projetos atuam no sentido de compreender não apenas as dinâmicas online, mas como elas impactam concretamente a vida das pessoas. O Aláfia atua nas áreas de (1) pesquisa, com a produção de conhecimento inovador sobre fenômenos na interface entre política digital e a vida cotidiana; (2) compartilhamento de conhecimento com a sociedade civil; (3) advocacy, ao impactar as decisões políticas a partir da produção ampliada de conhecimento e de pesquisas aplicadas; e (4) mídia, a partir da produção de coberturas jornalísticas sobre questões ligadas ao fenômeno da desinformação. O Aláfia Lab é um laboratório digital para a transformação social sediado em Salvador, Bahia.



Ilustração de capa: Faw Carvalho



Projeto Gráfico e Editoração: Lena Benz

Como citar este relatório:

Em estudos acadêmicos

Carreiro, R.; Guerra, E.; Santos, N.; Almada, M. P. **Racismo pra quê? As estratégias dos discursos racistas nas redes**. Salvador: Aláfia Lab, 2024. x p.

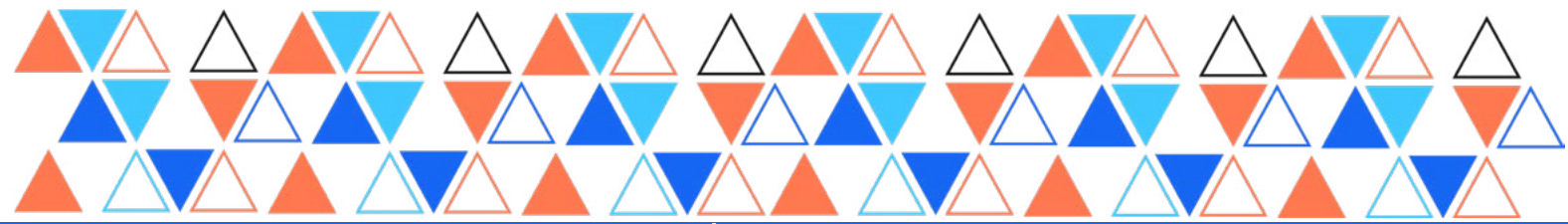
Na imprensa e em outras fontes

Relatório **“Racismo pra quê? As estratégias dos discursos racistas nas redes”**, de autoria de Rodrigo Carreiro, Ellen Guerra, Nina Santos e Maria Paula Almada, pesquisadores do Aláfia Lab.

Apoio:



Instituto Ibirapitanga



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	04
PRINCIPAIS RESULTADOS	06
Racismo pra quê?	
(a) Desumanizar	09
(b) Desqualificar	12
(c) Invisibilizar	18
(d) Desinformar	22
NOTA METODOLÓGICA	25
SOBRE O PROJETO	27
AUTORES	28



APRESENTAÇÃO

Identificar, analisar e compreender as principais características do racismo nos ambientes digitais têm sido o trabalho principal do Observatório do Racismo nas Redes. Temos acompanhado, ao longo dos dois últimos anos, as facetas do racismo direcionado a 26 personalidades negras em seus perfis de mídias sociais. Uma amostra que retrata parte de um problema mais amplo, que atinge grande parte da nossa sociedade.

Este é o quarto relatório publicado pelo Observatório de Racismo nas Redes e continuamos encarando a dificuldade que é sistematizar parâmetros analíticos para desvelar as dinâmicas de ofensas, ataques e discursos racistas nas redes sociais digitais.

No último relatório identificamos cinco dimensões principais dos ataques racistas em ambientes digitais. As dimensões mapeadas foram: **aparência**: relacionada ao corpo e às características físicas da pessoa; **territorialidade**: envolve questões sobre espaços marginalizados e associações pejorativas; **religiosidade**: aspectos relacionados à liberdade de expressão religiosa; **formas de expressão**: diz respeito a modos de expressão pessoal e liberdade de ação; **gênero**: relacionado a episódio de misoginia e discriminação.

Neste documento nos dedicamos a entender as estratégias por trás dos discursos racistas nas redes. Dividimos nossa análise em 4 principais: **desumanizar, desqualificar, invisibilizar e desinformar**. Vale destacar que nosso objetivo é refletir empiricamente a respeito de um fenômeno digital em constante mudança e apresentar algumas linhas interpretativas a partir dos dados coletados, sem a pretensão de esgotar as dimensões do fenômeno¹.

A análise da retórica racista não é o ponto de chegada do nosso trabalho, mas uma etapa do que estamos desenvolvendo no Observatório do Racismo nas Redes. No primeiro relatório produzido analisamos o caso do assassinato do congolês Moise Kabagambmoise e a repercussão do episódio marcado pela violência, mas também pelo racismo velado. Nos demos conta, no entanto, de que não se tratava de algo episódico e nos

1. Para dimensionar nossa perspectiva, apresentamos ao final do documento uma lista de bibliografia que debate mais detalhadamente algumas das questões que não puderam ser abordadas aqui.

dedicamos a monitorar perfis de personalidades negras e analisar episódios racistas a fim de entender como as ofensas eram postadas, em que momentos e quais as expressões mais marcantes. Assim, e com ajuda da bibliografia, foi possível levantar palavras e termos que reiteradamente são associadas ao racismo, o que nos levou a estabelecer um léxico racista que ajuda na busca direta a esse tipo de publicação. Em seguida, entendemos e analisamos o modo como esse léxico se expressa em dimensões do racismo, ou seja, investigamos como esses termos se aglutinam em âmbitos que relacionam aspectos do discurso racista.

Com este relatório, portanto, nosso objetivo é analisar de que modo o léxico racista expressa as dimensões do racismo em tipos diferentes de estratégia. Essas ações refletem não só modos de pensar da nossa sociedade, mas uma faceta cruel que impõem a pessoas negras constantes e diversificados ataques raciais.

ENFRENTAMOS ALGUNS DESAFIOS AO MONITORAR POSTAGENS PÚBLICAS DE REDES SOCIAIS DIGITAIS, ESPECIALMENTE DEVIDO ÀS RESTRIÇÕES DE ACESSO À DADOS IMPOSTAS PELAS PLATAFORMAS. O X, ANTIGO TWITTER, CANCELLOU O ACESSO GRATUITO À SUA API (APPLICATION PROGRAMMING INTERFACE), FERRAMENTA ATRAVÉS DA QUAL PESQUISADORES CONSEGUIAM TER ACESSO A DADOS E METADADOS DAS POSTAGENS PÚBLICAS NA PLATAFORMA. OUTRAS REDES TAMBÉM TÊM ADOTADO MEDIDAS PARA LIMITAR E RENTABILIZAR O ACESSO À FUNCIONALIDADES QUE PERMITIAM A OBTENÇÃO DE DADOS PÚBLICOS GERADOS PELOS USUÁRIOS. ESSAS RESTRIÇÕES IMPACTAM DIRETAMENTE A CAPACIDADE DA SOCIEDADE DE TOMAR CONHECIMENTO, ANALISAR E DENUNCIAR DINÂMICAS QUE ACONTECEM EM PLATAFORMAS DIGITAIS, BEM COMO A POSSIBILIDADE DE INDICAR FORMAS DE COMBATE EFETIVAS À DESINFORMAÇÃO E AO DISCURSO DE ÓDIO.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Os discursos racistas nas redes usam quatro estratégias principais:



DESUMANIZAR

Os ataques racistas a Vini Jr se tornaram diversificados e persistentes: **91% das postagens em sua conta no Instagram foram alvo de ataques racistas** no período de outubro de 2023 a fevereiro de 2024. Os agressores usam uma variedade de emojis e gifs de macacos para contornar a moderação da plataforma, buscando desumanizar o jogador. Nos dois primeiros meses de 2024, **os comentários contendo ataques racistas no Instagram de Vini Jr receberam 2.402 curtidas.**

DESQUALIFICAR

A cultura negra e suas vertentes têm sido alvo de discursos que visam desqualificar essas experiências. Identificamos ofensas dessa natureza em direção a Lázaro Ramos, na época do lançamento do filme “Ó Paí Ó 2”, com comentários pejorativos indicando boicote à obra por questões políticas. As agressões se estendem a postagens de Rene Silva sobre cultura negra e favelas, e à jornalista Flávia Oliveira, alvo de ataques religiosos após um comentário na Globo News.

No caso do filme, **é possível ver reações que tentam descredibilizar a possibilidade de falar sobre a cultura negra associando-a a uma espécie de tentativa de “lucrar” em cima do tema.** Trata-se de uma crítica a Lázaro Ramos por querer levar ao cinema um tema político. Nas reações ainda é possível ver racismo entre os próprios usuários, que utilizam os termos “feio” e “feia” para se referir àqueles que enaltecem a beleza dos atores do filme. Esse tipo de discurso é o mesmo recurso usado para desqualificar a realização do Festival Rio Parada Funk, em post de Rene Silva. Já nos casos de expressão de religiosidade, um mesmo termo pode adquirir diferentes significados dependendo do contexto, seja de ataques ou reforço de identidade. **Em nosso monitoramento, observamos que as menções aos termos “macumbeiro(a)” e “macumba” foram positivas em 98% e 91% das ocorrências, respectivamente.**

INVISIBILIZAR

A tentativa de invisibilização da pauta é perceptível toda vez que algum caso de racismo é denunciado pelos perfis monitorados, principalmente quando ganha repercussão nacional. **A tática mais utilizada para esconder a discussão racial é a de acusar os outros de vitimismo e definir pejorativamente essas pessoas como militantes.** No período de análise, identificamos que esse expediente foi vastamente utilizado no caso do motoboy gaúcho Everton Silva. Ele sofreu um ataque de faca por um homem branco durante uma entrega e, ao denunciar o incidente à polícia, foi levado na parte traseira do carro policial, enquanto o agressor foi transportado dentro da viatura.

DESINFORMAR

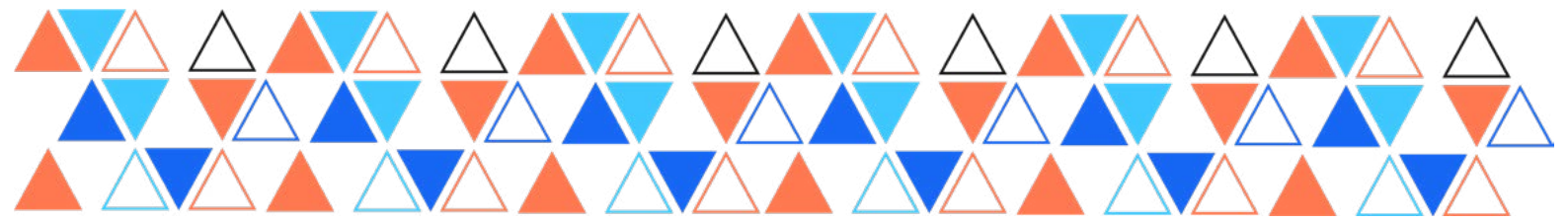
O ciclo de desinformação atua nas questões raciais no sentido de deslegitimar os movimentos antirracistas e se apoia em estratégias de engajamento para se amplificar. Em um post da influenciadora Transpreta, apenas um comentário questionando uma informação histórica foi capaz de gerar grande debate sobre o tema, deixando essa mensagem no topo da lista de comentários, com bastante visibilidade. Portanto, o revisionismo histórico é usado para negar ou minimizar eventos históricos relacionados ao racismo, como a escravidão, o colonialismo e a segregação racial. Essa **estratégia de desinformação se apoia na lógica de funcionamento das plataformas, baseada na capacidade de engajamento de um conteúdo.**

DINÂMICAS DE CIRCULAÇÃO

Percebemos duas formas particularmente danosas de circulação do discurso racista no Instagram. A primeira ocorre quando o conteúdo é publicado em colaborações (**colabs**); **ao expandirem o alcance para além da base de seguidores do perfil monitorado, aumenta-se a chance de receber ataques racistas**. Este foi o caso das postagens em colab de Djamila Ribeiro, Flávia Oliveira e Aline Midlej. A segunda forma é observada nos ataques direcionados a Lázaro Ramos e Vini Jr., sugerindo serem **ações orquestradas, principalmente devido à repetição de palavras idênticas de maneira sequencial**. No caso de Vini Jr., os mesmos **emojis e gifs** foram utilizados, enquanto Lázaro foi alvo da frase repetida: **“Quem lacra não lucra”**.

r4cism0
a

Usuários de redes sociais adotaram a prática de substituir letras por números para contornar a moderação de conteúdo nas plataformas. Por exemplo, a palavra “racismo” é escrita como “r4cism0” em debates sobre o tema. **Essa estratégia busca criar um léxico seguro para evitar a remoção ou rebaixamento de postagens por sistemas de moderação.** O formato de monitoramento das plataformas, inicialmente destinado a moderar discursos de ódio, acaba por limitar os usuários que desejam discutir o tema. Esta prática demonstra a **ineficiência de sistemas baseados na proibição de termos-chave desconectados do contexto**, o que reduz as discussões relevantes sobre racismo nas redes e permite que ataques, como gifs e emojis, circulem livremente.



1. DESUMANIZAR

O futebol é o esporte com o maior número de casos de racismo envolvendo atletas, tanto no Brasil quanto no exterior. Dados do relatório “Discriminação Racial no Futebol 2022”, publicado pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, indicam que, dos incidentes discriminatórios ocorridos em 2022 em todos os esportes, 78% ocorreram no futebol. Destes incidentes, a maioria envolve discriminação racial, totalizando 54% das ocorrências. Um dos casos mais notórios desses ataques tem sido o do jogador Vini Jr.



QUADRO 1: EXEMPLOS DE PUBLICAÇÕES QUE DESUMANIZAM VINI JR.



The screenshot displays several social media posts that dehumanize Vini Jr. by comparing him to primates. The posts include:

- A post from 15 weeks ago featuring a photograph of a young orangutan.
- A post from 8 weeks ago with the text "M.....o.....no" and several monkey emojis, receiving 247 likes.
- A post from 7 weeks ago with the text "&" and monkey emojis, receiving 2 likes.
- A post from 8 weeks ago with a row of 8 horse emojis, receiving 2 likes.
- A post from 15 weeks ago with a cartoon image of two blue apes, receiving 8 likes.
- A post from 8 weeks ago with a row of 10 poop emojis, receiving 57 likes.
- A post from 7 weeks ago with the text "Volve a la selva" and a monkey emoji, receiving 1 like.
- A post from 8 weeks ago with a row of 10 poop emojis, receiving 54 likes.
- A post from 7 weeks ago with the text "monicius" and a poop emoji.
- A post from 7 weeks ago with the text "TAKE SOME BANANA" and monkey emojis, receiving 41 likes.

GRÁFICO 1: FREQUÊNCIA DE COMENTÁRIOS POR DIA

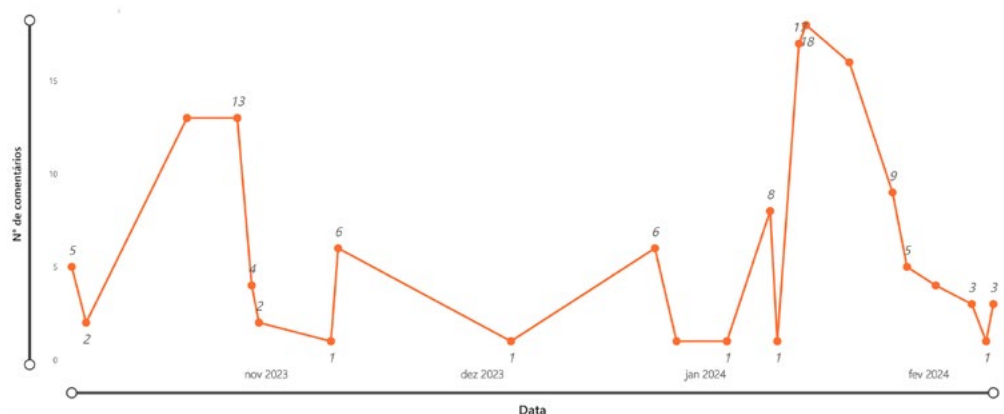


TABELA 1: FREQUÊNCIA DE USO DOS EMOJIS RACISTAS CONTRA VINI JR. (OUTUBRO DE 2023 A FEVEREIRO DE 2024):

139	88	54	38	28	27	23	13

A desumanização de Vini Jr tem sido documentada pelo Observatório do Racismo nas Redes desde a sua primeira publicação. O jogador é frequentemente alvo de ofensas, principalmente sendo chamado de macaco ou mono ('macaco' em espanhol), repetidas vezes. 91% das postagens em sua conta no Instagram foram alvo de ataques racistas no período de outubro de 2023 a fevereiro de 2024. O único momento em que as ofensas cessaram foi no período entre 25 e 28 de dezembro de 2023. Estes ataques consistem principalmente em emojis ou gifs de macacos, uma estratégia para contornar a moderação da plataforma.

Esse tipo de expediente racista evidencia a tentativa de desumanizar o jogador ao associá-lo à figura de um animal. De acordo com Maria Aparecida Silva Bento (2002), "o primeiro passo da exclusão moral é a desvalorização do outro como pessoa e, no limite, como ser humano". Trata-se, portanto, de ofender o outro estabelecendo uma barreira que separa aqueles que devem ser considerados como cidadãos e aqueles que devem ser excluídos.

Contando somente os dois primeiros meses de 2024, os comentários contendo ataques racistas no Instagram de Vini Jr receberam 2.402 curtidas. Mesmo em menor quantidade, as ofensas, ao alcançarem

esse nível de engajamento, são impulsionadas para o topo da lista de comentários das postagens. De acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, as redes sociais representam o segundo espaço com maior incidência de ataques racistas contra atletas: 31% dos ataques ocorrem nesse ambiente. Em primeiro lugar estão os estádios de futebol, responsáveis por 53% dos ataques, conforme aponta a pesquisa “Levantamento sobre a diversidade do futebol brasileiro”, conduzida pela entidade.

Um aspecto diferente que podemos identificar dessa vez é que não foi preciso post ou declaração do jogador referente ao racismo para que as ofensas fossem direcionadas a ele. Tanto em publipost ou em publicação simples sobre o resultado de um jogo, as ofensas parecem, infelizmente, fazer parte do cenário padrão em qualquer post do jogador. Seja em tom de deboche, seja na mais pura agressão, diversos usuários continuam expressando racismo indiscriminadamente.

O mais preocupante, portanto, é que os ataques ao jogador já se descolaram de casos eventuais, de episódios específicos; tornaram-se constantes e direcionados a qualquer atitude tomada por ele, em qualquer circunstância. Os emojis ou imagens de macaco que desumanizam Vini Jr. se tornaram o símbolo mais marcante do racismo contra ele.

2. DESQUALIFICAR

Em outubro de 2023, o ator Lázaro Ramos fez uma série de postagens a respeito do lançamento do seu novo filme, *Ó Paí Ó 2*. Essas publicações trazem um conteúdo que exalta a beleza e a cultura negras, mas nos comentários é possível ver muita gente associando essa exaltação à uma espécie de tentativa política de “lucrar” em cima do tema. Isso, de forma pejorativa, é expresso em comentários que utilizam uma frase já amplamente conhecida para atacar pessoas de quem se discorda politicamente: “quem lacra não lucra” (**Figura 1**).

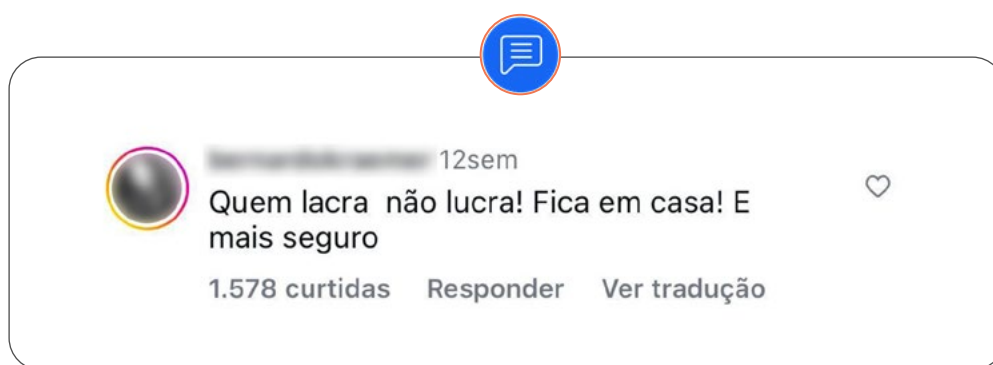


Figura 1: Print de comentário no perfil do ator Lázaro Ramos com os dizeres “quem lacra não lucra”

A associação é a de que exaltar a beleza negra, a cultura e seus representantes é algo pejorativo, negativo e ligado ao espectro político da esquerda. Por isso a utilização do termo “quem lacra não lucra”, evocando boicote ao filme e a empresas que apoiam o filme.

É possível notar a constante avaliação física negativa de pessoas negras, seja pelo cabelo, pela vestimenta ou pelos modos de se expressar. E a cultura é um meio aglutinador desses atributos, mas constantemente é descredibilizado e apontado como algo menor. Em um dos posts que Lázaro Ramos fez sobre o lançamento do filme, usuários usaram o termo “feio” e “feia” para se referirem a outros usuários que estavam enaltecendo as virtudes do filme (conforme **Quadro 2**, a seguir). Neste caso, o ataque à autoestima da pessoa é utilizado como modo de desacreditar a pauta antirracista levantada pelo filme.

QUADRO 2: COMENTÁRIOS NO PERFIL DO ATOR LÁZARO RAMOS SOBRE A PRÉ-ESTREIA DO FILME Ó PAÍ Ó, EM SÃO PAULO.

olazaroramos • Seguindo
Áudio original

21w
O sujeito sair de casa pra ir vê um filme bosta desse é de lascar
242 likes Reply See translation
Hide all replies

20w
@rafabike8897 vai cagar homi, uma hora dessas falando merda, tenha dó
13 likes Reply See translation

20w
Já vi mulher feia@mais igual a vc é a primeira vez 🤔 uiiii
12 likes Reply See translation

22 sem
🤔🤔🤔 feia não se amotra a beleza esqueceu de vc 🤔🤔🤔
8 curtidas Responder Ver tradução

22 sem
o ser humano parar pra comentar com o que não gosta, é um me@da assumido
6 curtidas Responder Ver tradução

22 sem
pra tu 🤔
3 curtidas Responder Ver tradução

10.485 curtidas
14 de novembro de 2023

Em outro caso semelhante, o fundador do Voz das Comunidades e idealizador do Festival Rio Parada Funk, Renê Silva, fez uma série de posts enaltecendo os aspectos da cultura negra que seriam atrações no evento, que ocorreu em outubro de 2023. Mais uma vez a cultura negra e

das favelas foi associada de forma negativa à aparência física de seus frequentadores, conforme a **Figura 2**. A fala racista do usuário usa a dimensão da aparência dos frequentadores para desqualificar a qualidade, a importância e a pertinência do evento.

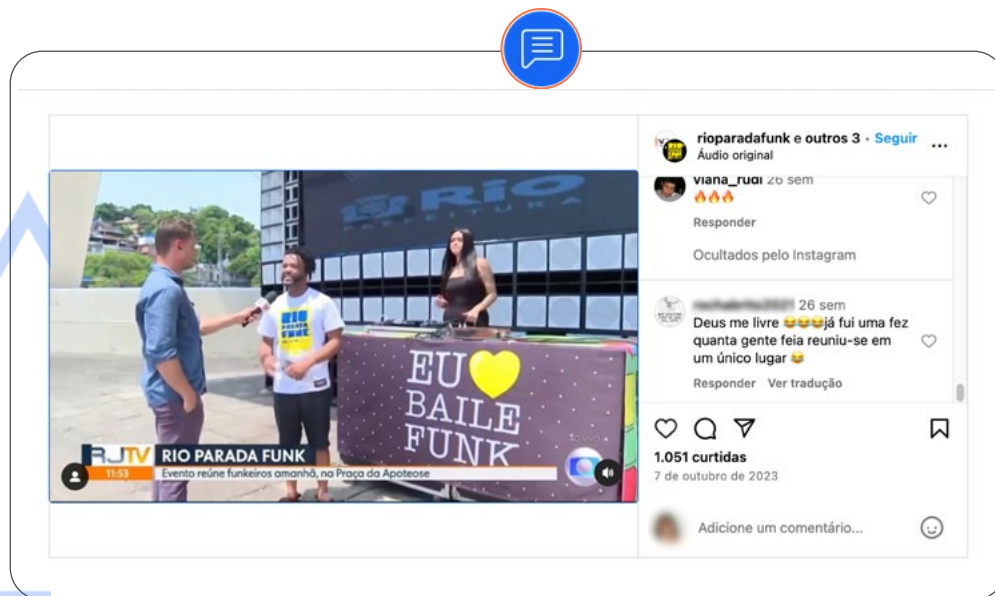


Figura 2: Print de comentários na postagem de Renê Silva sobre o Festival Rio Parada Funk.

A desqualificação das pessoas que enaltecem a cultura negra também atinge a dimensão da religiosidade. Em 1º de novembro de 2023, a jornalista Flávia Oliveira compartilhou em seu Instagram um vídeo sobre o terreiro *Ilê Axé Odé Omopondá Aladê Ijexá*, um local de culto do candomblé de origem Nagô em Ilhéus. O vídeo visava angariar doações para a recuperação da represa mãe de Oxum, situada dentro do terreiro e que fora rompida em abril, em decorrência das fortes chuvas na região.

No dia 15 de novembro, a postagem sobre o terreiro, recebeu muitos comentários agressivos direcionados à jornalista, na ocasião em sua participação no programa *Estudo i*, da Globo News, Flávia comentou sobre a participação de Luciane Barbosa Farias, esposa de um líder do Comando Vermelho, em uma reunião com integrantes do Ministério da Justiça, na gestão do então Ministro Flávio Dino. Além das críticas à fala de Flávia na Globo News, os comentários escalaram para ataques à sua religião, Flávia é candomblecista.

QUADRO 3: COMENTÁRIOS NA POSTAGEM DE FLÁVIA OLIVEIRA SOBRE O TERREIRO DE ALADÊ.

The image shows a screenshot of an Instagram post. On the left is a video of Flávia Oliveira speaking, with the text "do terreiro Aladê" overlaid. On the right is the post's interface, including the profile "amataode e flaviaal", the original audio, and a list of comments. The comments are as follows:

- Comment 1: "20 sem 🤔🤔🤔 Responder" (with a heart icon)
- Comment 2: "20 sem Alem de jornalista medíocre, que passa pano para traficante condenada, esposa de chefe de facção, é macumbeira ??? Pede licença e sai de fininho ! Responder Ver tradução" (with a heart icon)
- Comment 3: "20 sem As aulas de balé estão em dia hein! 🤔🤔🤔🤔🤔 Responder Ver tradução" (with a heart icon)

Below the comments, the post shows 1.651 curtidas (likes) and the date 1 de novembro de 2023. At the bottom, there is a text input field "Adicione um comentário...".

Below the main screenshot, there is a smaller video frame of Flávia Oliveira with the text "eu peço ajuda" overlaid, and a partial view of another comment:

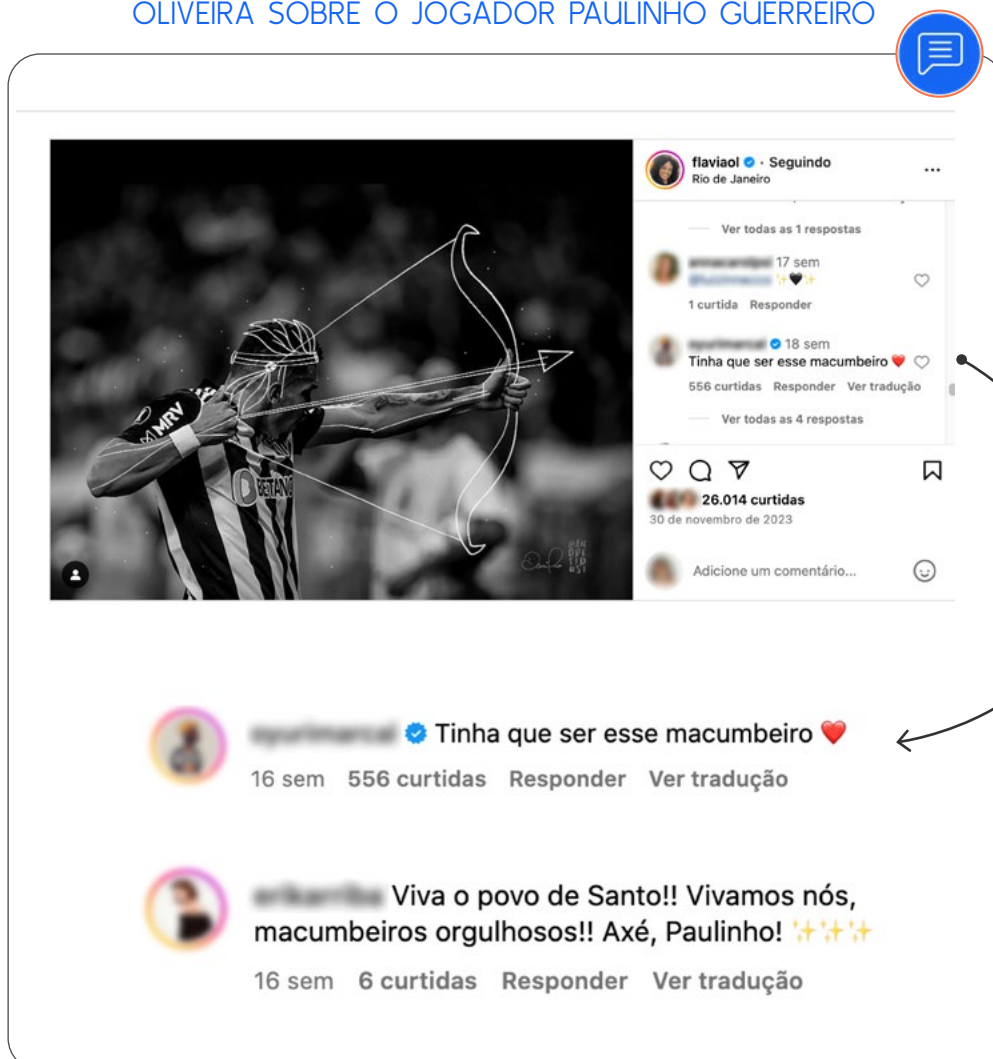
- Comment 4: "22 sem 🤔🤔🤔🤔🤔 Responder" (with a heart icon)
- Comment 5: "22 sem 🤔🤔🤔🤔 Responder ..." (with a heart icon)
- Comment 6: "22 sem Como tem o título de jornalista, uma vergonha!!! Tentar livrar a cara desse governo corrupto, com" (with a heart icon)

Termos pejorativos como “macumba” e “macumbeiro” foram utilizados algumas vezes de maneira discriminatória. Tal uso pejorativo está intrinsecamente ligado ao racismo religioso, no qual elementos da cultura negra são marginalizados e alvos de discurso de ódio. Sem nenhuma relação direta, os usuários racistas procuram elementos aleatórios como argumentos que visam desacreditar o interlocutor. Em outras palavras, é um modo de apelar para situações que não abordam o assunto com o intuito de “mostrar a verdade” por trás da pessoa que está falando.

Como já apontamos anteriormente no Relatório [As cinco dimensões do racismo](#), a mesma arma utilizada para o ataque também pode ser acionada como reforço de identidade. Embora esses termos racistas sejam frequentemente empregados de forma depreciativa, é importante notar que os praticantes das religiões de matrizes africanas os têm ressignificado como **forma de orgulho e pertencimento**.

Flávia Oliveira, tia do jogador Paulinho do Atlético Mineiro, veio publicamente em defesa do jogador em uma postagem nas redes sociais. O jogador foi alvo de ataques de cunho racista religioso após marcar um gol contra o Flamengo durante o Brasileirão, em 29 de novembro de 2023. A torcida do Flamengo desencadeou uma série de comentários ofensivos atacando a religião do jogador.

QUADRO 4: COMENTÁRIOS NA POSTAGEM DE FLÁVIA OLIVEIRA SOBRE O JOGADOR PAULINHO GUERREIRO

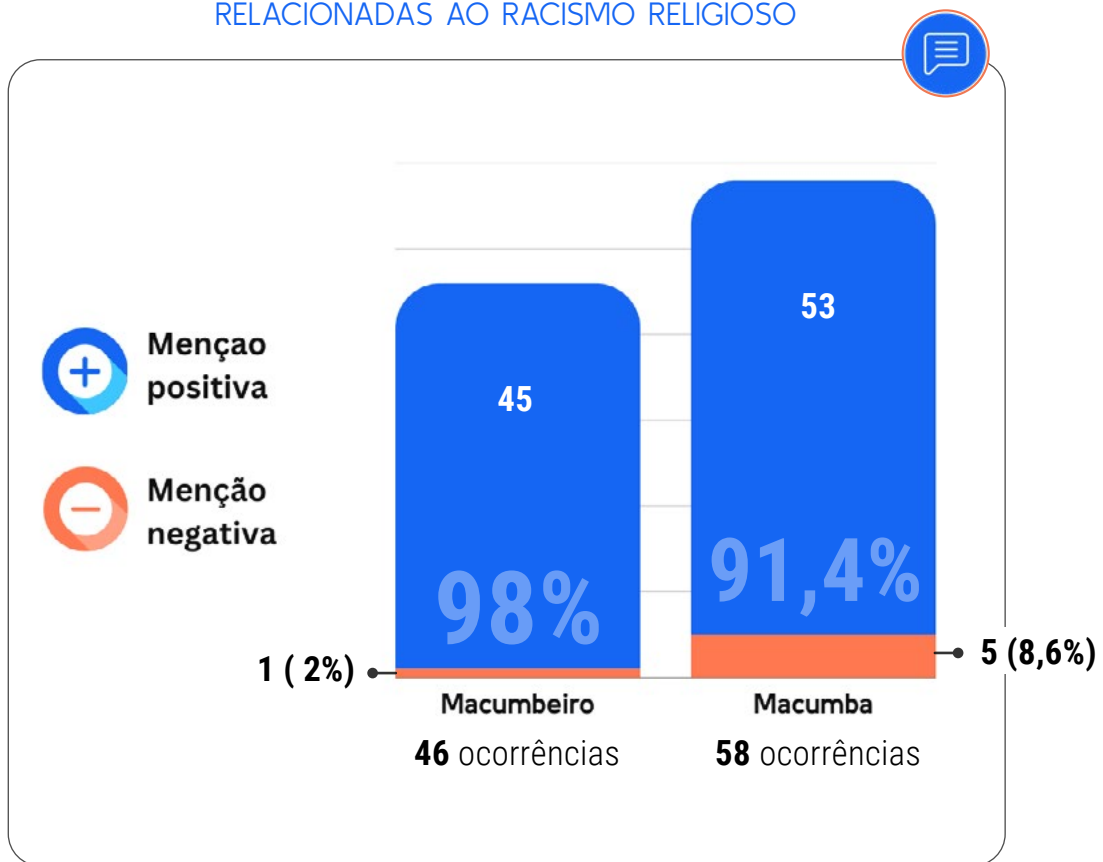


The image shows a screenshot of a social media post. The main post is by user 'flaviaol' (Flávia Oliveira) from Rio de Janeiro, featuring a black and white photo of a soccer player (Paulinho Guerreiro) in an Atlético Mineiro jersey, holding a bow and arrow. The post has 26,014 likes and was posted on 30 de novembro de 2023. Below the main post, two comments are visible:

- Comment 1: 'Tinha que ser esse macumbeiro' (It had to be this macumbista) with a red heart icon. It has 556 likes and was posted 16 sem (weeks) ago.
- Comment 2: 'Viva o povo de Santo!! Vivamos nós, macumbeiros orgulhosos!! Axé, Paulinho!' (Long live the people of Santo!! We live, macumbistas proud!! Axé, Paulinho!). It has 6 likes and was posted 16 sem ago.

“Somos uma família unida por todos os laços que se podem unir: criação, afeto, fé. Somos de axé, com muito orgulho. Crescemos nos terreiros cariocas, seguimos com obediência os preceitos do candomblé, exibimos gratidão aos orixás. Paulinho tem o amor da família, o apoio do clube, a proteção de nossas divindades. Chamar Paulinho - ou qualquer um de nós de macumbeiros - não nos ofende. É o que somos, escolhidos por orixás. Não desmerecemos a fé de ninguém. Exigimos respeito.”, declarou Flávia.

GRÁFICO 2: FREQUÊNCIA DE USO DE EXPRESSÕES RELACIONADAS AO RACISMO RELIGIOSO



3. INVISIBILIZAR

No dia 17 de fevereiro, um fato em Porto Alegre gerou debates sobre racismo nas abordagens policiais na imprensa e nas redes sociais. Everton Henrique Goandete da Silva, homem negro de 40 anos que trabalha como motoboy, foi agredido por Sérgio Camargo Kupstaitis, homem branco de 71 anos.

Vídeos divulgados nas redes sociais mostram Sérgio, sem camisa, empunhando uma faca enquanto confronta Everton. Quando a polícia chega, o motoboy é colocado no camburão da viatura, enquanto Sérgio é permitido a retornar ao seu apartamento para buscar roupa e documentos. Everton foi detido e indiciado por lesão corporal leve e desobediência, já Sérgio foi indiciado por lesão corporal. Na sindicância realizada pela Brigada Militar para investigar a conduta dos policiais envolvidos na prisão, não houve reconhecimento de agressão nem de racismo por parte dos PMs.

O vídeo da abordagem policial viralizou nas redes sociais. O debate se intensificou entre aqueles que apontam racismo evidente e os que confiam no parecer da polícia sobre o caso.


A jornalista Aline Midlej, em uma postagem sobre o caso no Instagram, comenta o parecer da polícia sobre a agressão mútua e questiona por que apenas o motoboy foi submetido ao tratamento mais agressivo, sendo conduzido no fundo do veículo policial.



Este foi o segundo vídeo com maior número de comentários da jornalista (no período de outubro a fevereiro). A partir disso, diversos perfis ligados às causas raciais adicionaram à discussão a questão do racismo institucional, termo utilizado para se referir a questões raciais envolvendo agentes públicos ou empresas, que podem se manifestar por meio de normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados na execução de suas funções no ambiente de trabalho.

Figura 3: Print do reels da jornalista Aline Midlej

QUADRO 5: POSTAGENS ABORDANDO O RACISMO INSTITUCIONAL



Silvio Almeida @silviolual

O caso do trabalhador negro, no Rio Grande do Sul, que tendo sido vítima de agressão acabou sendo tratado como criminoso pelos policiais que atenderam a ocorrência, demonstra, mais uma vez, a forma como o racismo perverte as instituições e, por consequência, seus agentes.

silviolual • Seguindo

silviolual • 7 sem

O caso do trabalhador negro, no Rio Grande do Sul, que tendo sido vítima de agressão acabou sendo tratado como criminoso pelos policiais que atenderam a ocorrência, demonstra, mais uma vez, a forma como o racismo perverte as instituições e, por consequência, seus agentes.

É preciso que as instituições passem a analisar de forma crítica o seu modo de funcionamento e aceitar que em uma sociedade em que o racismo é estrutural, medidas consistentes e constantes no campo da formação e das práticas de governança antirracista devem ser adotadas. Em outras palavras, é preciso aceitar críticas e passar a adotar medidas

82.423 curtidas
18 de fevereiro

Adicione um comentário...

Maira Azevedo @tiamaooficial

Você pessoa preta, sofre uma tentativa de homicídio...liga para polícia e quem sai com algemas no braço é você! Parece impossível, mas aconteceu aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, e quando dizemos que o Estado é responsável pela reprodução do olhar excludente sobre nossos corpos

thiamparo

Ser branco, no Brasil, significa ser acusado de dar uma facada em um homem negro, conversar calmamente com a Brigada Militar sobre isso e ainda ver a vítima negra ser levada algemada. Caso hoje em Porto Alegre, RS. Precisamos falar sobre os privilégios simbólicos de ser branco, como não ter medo da polícia, como ter certeza da impunidade, como não ser visto como perigoso mesmo quando é. Com conteúdo via @folhadespaulo e

Do outro lado, comentários discordam que o caso seja sobre racismo e buscam diversas justificativas para corroborar com a ação da polícia. Essas publicações revelam, dentre outros aspectos, uma faceta do racismo: a constante tentativa de invisibilização da pauta. Em 2022, o Observatório do Racismo nas Redes já havia identificado esse expediente no caso do congolês Moïse Kabagambe, violentamente assassinado enquanto trabalhava, num quiosque de praia no Rio de Janeiro. Na época, outros temas foram acionados a fim de esconder a discussão racial, como violência e ataques ao caráter da vítima.

No caso do motoboy de Porto Alegre, outros argumentos entram em pauta a fim de eclipsar as discussões em torno do racismo. O primeiro deles está na esfera da confiança nas instituições, uma vez que é dito que a polícia investigou e a confiança é 100% na corporação (Figura 4). Esse ângulo de abordagem coloca em lados opostos cidadãos e polícia, uma tentativa de minimizar os aspectos racistas em detrimento de uma instituição que seria isenta de vieses. É uma forma, portanto, de delimitar situações de racismo a partir de uma visão institucional.

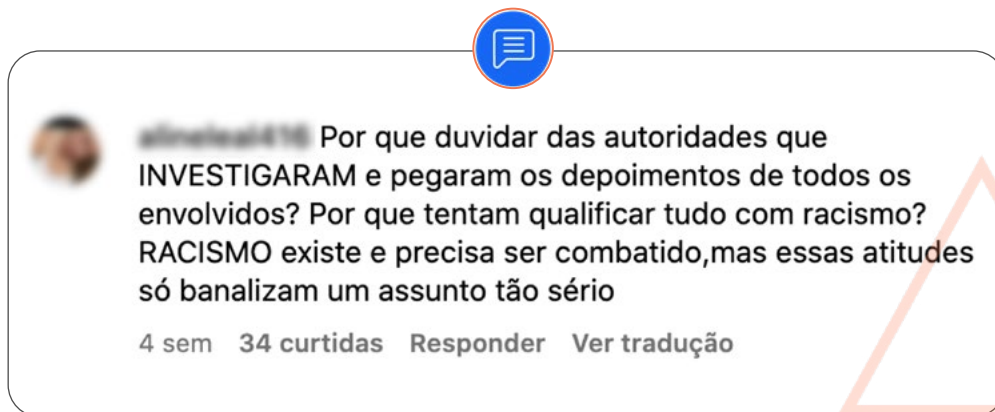


Figura 4: Print de comentário que aborda a confiança nas instituições

O segundo argumento aciona a carta do vitimismo e da militância, um modo de colocar a culpa do racismo em quem é vítima ou em quem aponta o problema. Nesses casos, é comum encontrar comentários que colocam na militância tons negativos (Figura 5) ou que associam a pauta a uma tentativa de lacração, inclusive utilizando tom de deboche para desacreditar tanto o assunto quanto a própria jornalista (Figura 6).

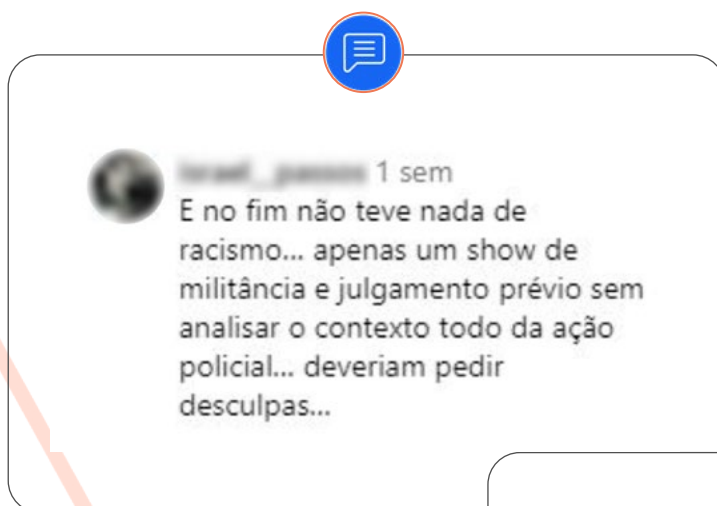


Figura 5: Print de comentário que aborda a confiança nas instituições

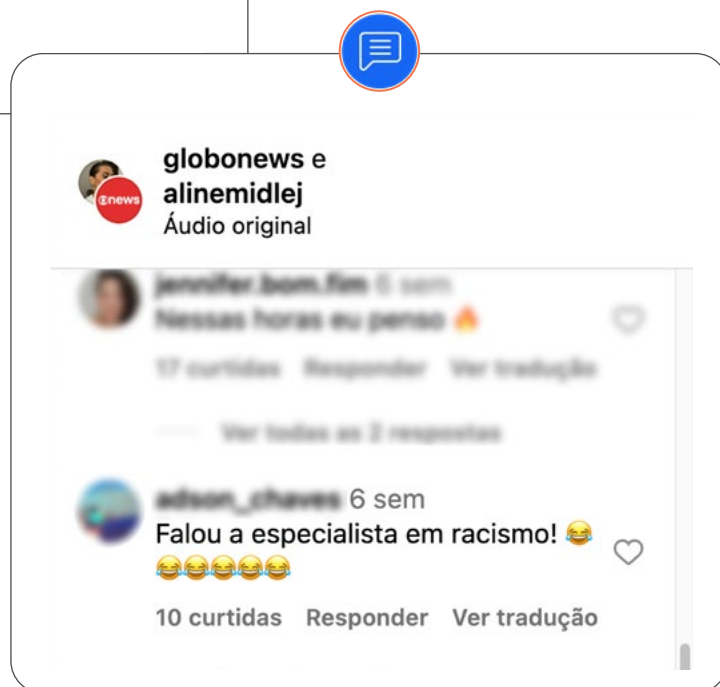


Figura 6: Print de comentário que aborda a confiança nas instituições

4. DESINFORMAR

A desinformação, aliada a fenômenos como o discurso de ódio, aprofunda as violências contra grupos racializados. Em [publicação](#) feita pela escritora e professora Djamila Ribeiro sobre o período pós-escravidão e a falta de políticas de reparação, o espaço de comentários se tornou arena de desinformação sobre o assunto. A ideia principal era de que os negros escravizaram os negros e, portanto, não deveria existir mecanismos sociais reparadores. Esse é um dos principais argumentos utilizados para deslegitimar os movimentos antirracistas e desqualificar as lutas das populações negras. Esse discurso alimenta um ciclo de desinformação e preconceito.

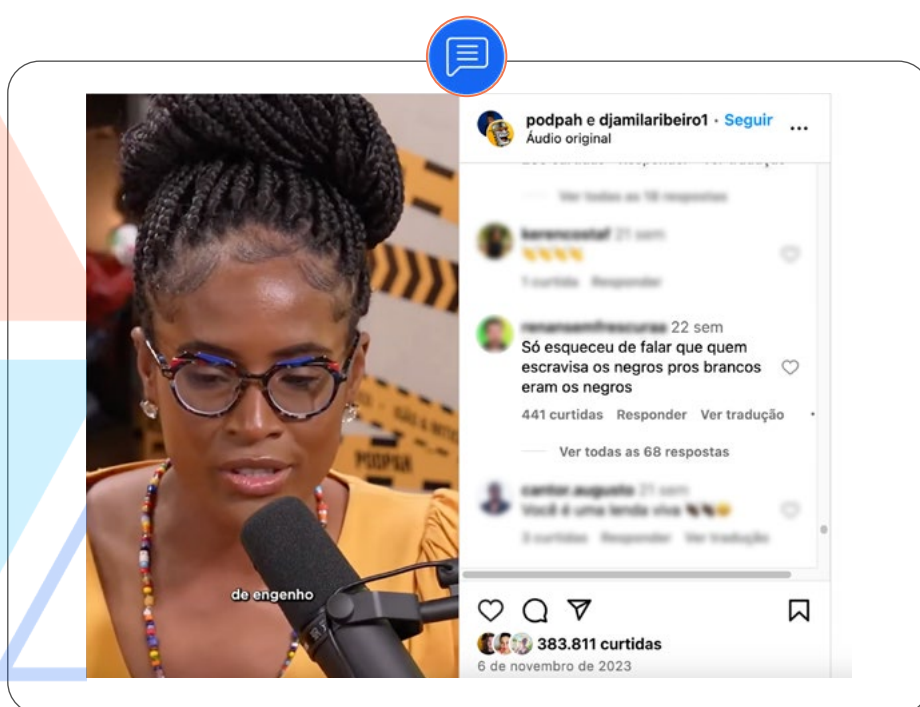
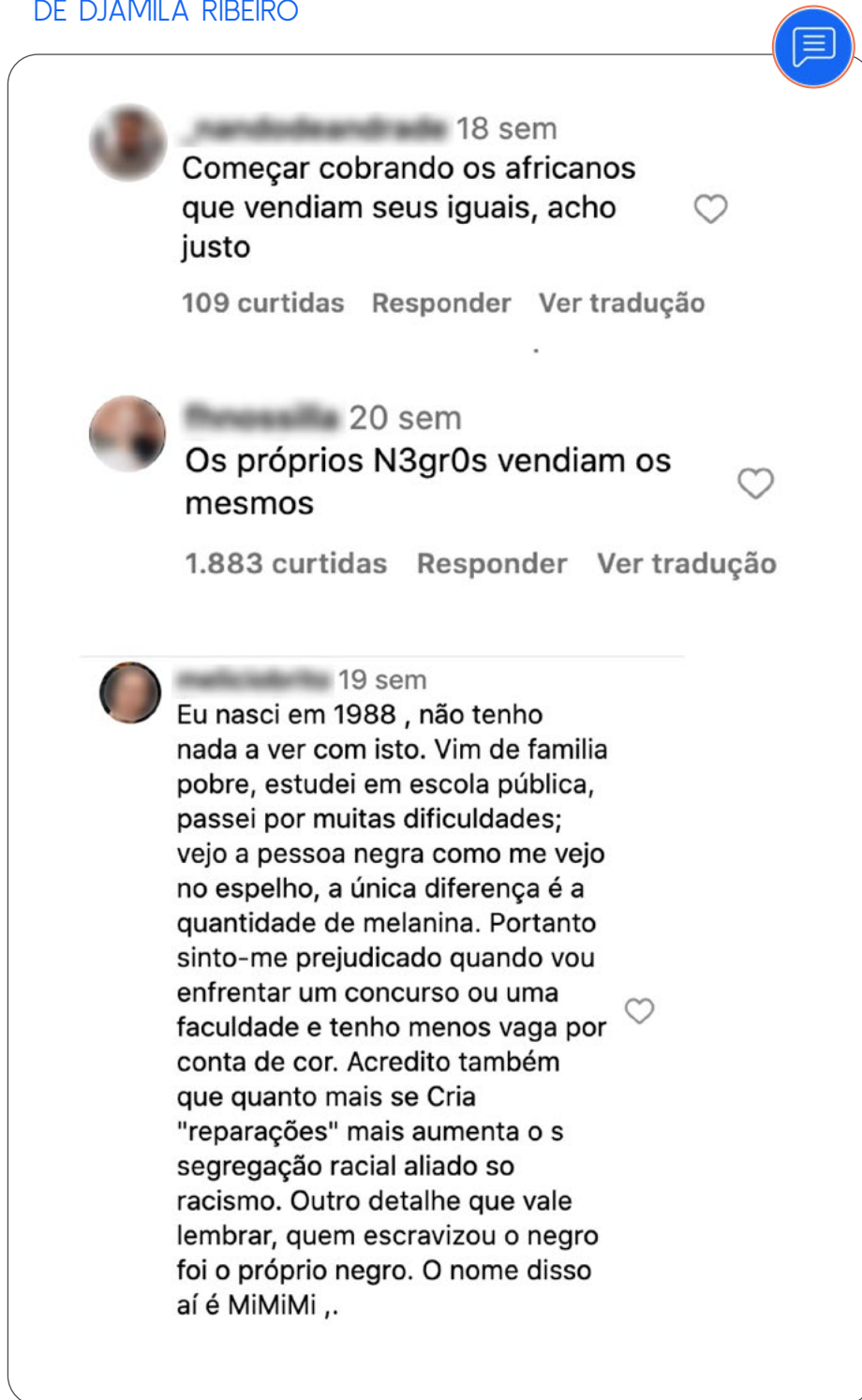








Figura 7: Print da postagem da Professora Djamila Ribeiro, com comentário em destaque

O historiador Guilherme Oliveira, em entrevista ao [Alma Preta Jornalismo](#), explica que há uma desumanização na generalização das experiências africanas, pois não se coloca em questão as relações políticas e hierarquias sociais diversas que existiam. “Por exemplo: na Primeira e Segunda Guerra Mundial, a gente aprende que os alemães lutaram contra franceses e ingleses. A gente não aprende que os brancos mataram outros brancos. Agora, quando nós falamos das experiências históricas africanas, a gente fica nesse discurso raso de que os negros mataram negros, os negros escravizaram outros negros. Não se fala que existiam relações de poder e disputas políticas de domínio sobre pessoas e sobre territórios”, explica Oliveira.

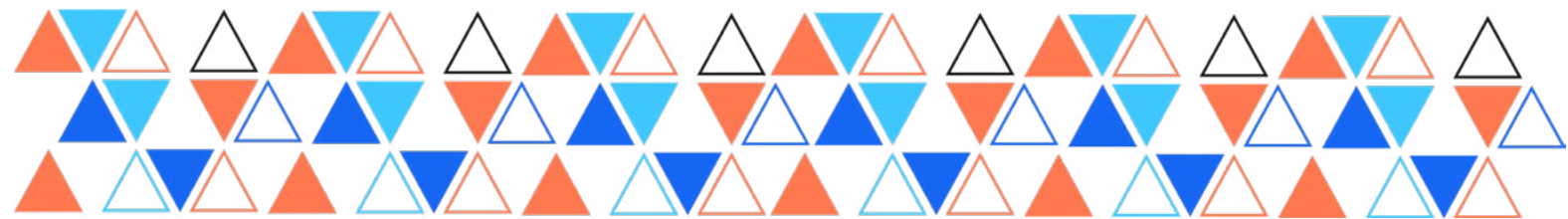
QUADRO 6: COMENTÁRIOS SOBRE A POSTAGEM DE DJAMILA RIBEIROA screenshot of social media comments. At the top right of the comment area is a blue speech bubble icon. The first comment is from a user with a blurred profile picture, dated '18 sem', with the text 'Começar cobrando os africanos que vendiam seus iguais, acho justo' and a heart icon. Below it are the options '109 curtidas', 'Responder', and 'Ver tradução'. The second comment is from a user with a blurred profile picture, dated '20 sem', with the text 'Os próprios N3gr0s vendiam os mesmos' and a heart icon. Below it are the options '1.883 curtidas', 'Responder', and 'Ver tradução'. The third comment is from a user with a blurred profile picture, dated '19 sem', with a longer text block and a heart icon.

 **[blurred]** 18 sem
Começar cobrando os africanos que vendiam seus iguais, acho justo 
109 curtidas Responder Ver tradução

 **[blurred]** 20 sem
Os próprios N3gr0s vendiam os mesmos 
1.883 curtidas Responder Ver tradução

 **[blurred]** 19 sem
Eu nasci em 1988 , não tenho nada a ver com isto. Vim de familia pobre, estudei em escola pública, passei por muitas dificuldades; vejo a pessoa negra como me vejo no espelho, a única diferença é a quantidade de melanina. Portanto sinto-me prejudicado quando vou enfrentar um concurso ou uma faculdade e tenho menos vaga por conta de cor. Acredito também que quanto mais se Cria "reparações" mais aumenta o s segregação racial aliado so racismo. Outro detalhe que vale lembrar, quem escravizou o negro foi o próprio negro. O nome disso aí é MiMiMi ,. 

As publicações acima demonstram, dentre outros aspectos, a correlação entre os discursos racistas. A retórica adotada muitas vezes usa de expedientes da desinformação, por exemplo, para argumentar em favor da desqualificação da pauta racial. Em muitos casos, o revisionismo histórico é usado para negar ou minimizar eventos históricos significativos relacionados ao racismo, como a escravidão, o colonialismo e a



segregação racial. Isso pode incluir tentativas de reescrever a história para minimizar a extensão do racismo sistêmico ou para retratar movimentos de direitos civis como prejudiciais.

Em publicação sobre o mesmo tema, a influenciadora [Transpreta](#) responde justamente a essa questão e aponta fatos históricos que desmistificam o argumento de que “pretos escravizaram pretos”. A partir disso, embora o post tenha rendido inúmeras mensagens de apoio, apenas um comentário contrário desdenhando da informação histórica foi capaz de abrir uma grande discussão a respeito do tema (Figura 8), com 27 respostas. **Isso ajuda a entender mais nitidamente a dinâmica de propagação de desinformação, que não precisa de muitos argumentos para prosperar, muito menos ter volume.** É como uma isca que abre espaço para muitos argumentos sólidos e convergentes, mas que, de um modo ou de outro, atrai também atenção para aquilo que põe em cheque a informação verdadeira. **Para a lógica de funcionamento do Instagram, não interessa se o conteúdo é verdadeiro ou não; importa, sobretudo, a capacidade de geração de conversação** - e isto a desinformação já provou que consegue.

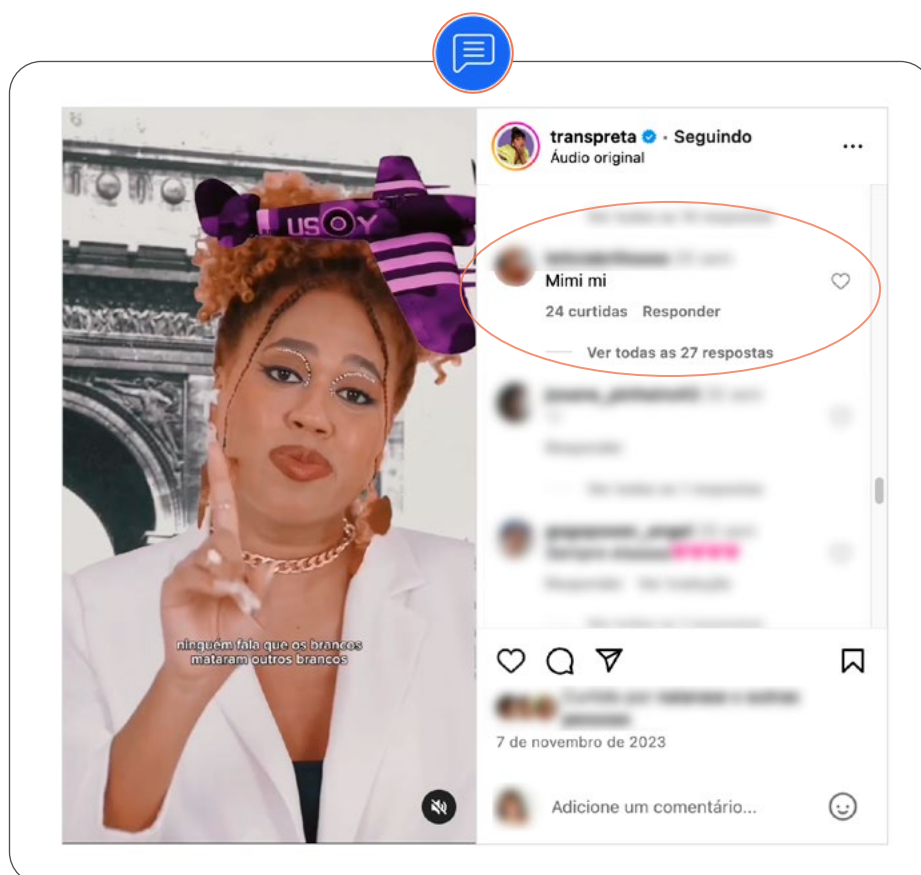


Figura 8: Print da postagem da influenciadora Transpreta com comentário desdenhoso destacado



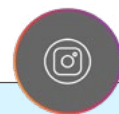
NOTA METODOLÓGICA

A base para a construção do corpus do Observatório de Racismo nas Redes é uma lista de **37 personalidades negras reunidas em seis diferentes categorias**: artistas, intelectuais, influenciadores, novos influenciadores, jogadores de futebol e jornalistas (Quadro 8 - página seguinte).

A partir dessa delimitação, trabalhamos com a coleta de todos dos posts publicados por esses perfis no Instagram e no Youtube, bem como os respectivos comentários. Além disso, consideramos também a filtragem desses posts a partir de palavras-chave (*queries*) e enquadramento nas dimensões do racismo conforme relatório anterior, através de *scrapers* diretamente das APIs do Instagram. O resultado destas coletas foi armazenado num *datalake*, a partir de onde foram tratados, pré analisados e projetados em painéis para visual analytics.

Vale ressaltar que a análise deste Relatório especificamente é referente ao Instagram e é um reflexo dos dados no momento em que a coleta foi feita, verificado pela última vez no dia 29/2. A atualização dos dados não é feita em tempo real e, portanto, alguns posts e comentários podem ter sido apagados ou publicados após esse período. Some-se a isso a restrição do volume de coleta imposta pela API da plataforma.

QUADRO 7: DADOS COLETADOS



Rede: Instagram

PERÍODO DE COLETA E ANÁLISE:
01 de outubro de 2023 a 29 de fevereiro de 2024.

Total de posts coletados: **2.989**

Total de comentários coletados: **214.448**

QUADRO 8: LISTA DE PERSONALIDADES

**Influenciadores:**

Nath Finanças, Tia Ma, Ingrid Silva,
João Pimenta, Camila de Lucas

**Artistas:**

Emicida, Lázaro Ramos, Taís
Araujo, Iza, Luedji Luna

**Intelectuais:**

hiago Amparo, Silvio Almeida,
Djamila Ribeiro, Preto Zezé

**Jogadores:**

Vinicius Jr, Neymar, Bia Zaneratto,
Marta, Richarlison, Paulinho

**Jornalistas:**

Flávia Oliveira, Luana Assiz, Pedro
Borges, Rita Batista, Aline Midlej

**Novos Influenciadores:**

Maria Clara Araújo, Giovanna Heliodoro,
Fred Nicácio, Família Quilombo, Títi
Gagliasso, Maternidade Sapatão, Yuri
Marçal, Bruna Braga, Jhonatan Marques,
Rene Silva, Grana Preta, Nátaly Neri.

SOBRE O PROJETO

O Observatório do racismo nas redes é um projeto do Aláfia Lab que visa ampliar a capacidade de monitoramento e combate a conteúdo racista publicado em redes sociais digitais. Atuamos na construção de métodos e técnicas capazes de organizar o conhecimento em torno das variadas formas de racismo em ambientes digitais. Em outras palavras, é um modo de abordar suas dimensões mais marcantes, não apenas a ofensa em si, mas em como essa ofensa pode se estruturar política, social e culturalmente.

Para saber mais, acesse: alafialab.org

Coleta, visualização e gestão de dados | Zygon Digital

A Zygon é uma AdTech especializada no uso de dados e tecnologia na comunicação. Oferece soluções em data science, análise de redes sociais, mídia programática, web analytics e otimização de performance. Fundada em 2016, foi selecionada por dois programas internacionais de aceleração: Startup Beta (Web Summit) e ScaleUp (Endeavor). Hoje conta com uma equipe diversa, com 50 pessoas, em todo o Brasil.

A Zygon está atenta a temas relevantes e ao uso de dados digitais para empoderar grupos minorizados.



SOBRE OS AUTORES

Rodrigo Carreiro

Diretor do Aláfia Lab, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, mestre pela mesma instituição e especialista em Jornalismo e Convergência Midiática. Atualmente é pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD), por onde desenvolve projeto de estágio pósdoctoral.

Ellen Guerra

Gerente de Projetos do Aláfia Lab, Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (PosCom/UFBA). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Nina Santos

Diretora do Aláfia Lab, pesquisadora no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD) e no Centre d'Analyse et de Recherche Interdisciplinaires sur les Médias (Université Panthéon-Assas) e coordenadora do *desinformante. É autora de "Social media logics: Visibility and mediation in the 2013 Brazilian protests" (Palgrave Macmillan, 2022).

Maria Paula Almada

Diretora do Aláfia Lab, Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Facom/UFBA). Realizou estágio-doutoral na School of Public Affairs and Administration, Rutgers University (EUA) e estágio de pesquisa no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Atualmente é pesquisadora pósdoc do INCT.DD.



alafialab.org

